

## A força da palavra e a ética do desejo

### The power of the word and the ethics of desire

### La fuerza de la palabra y la ética del deseo

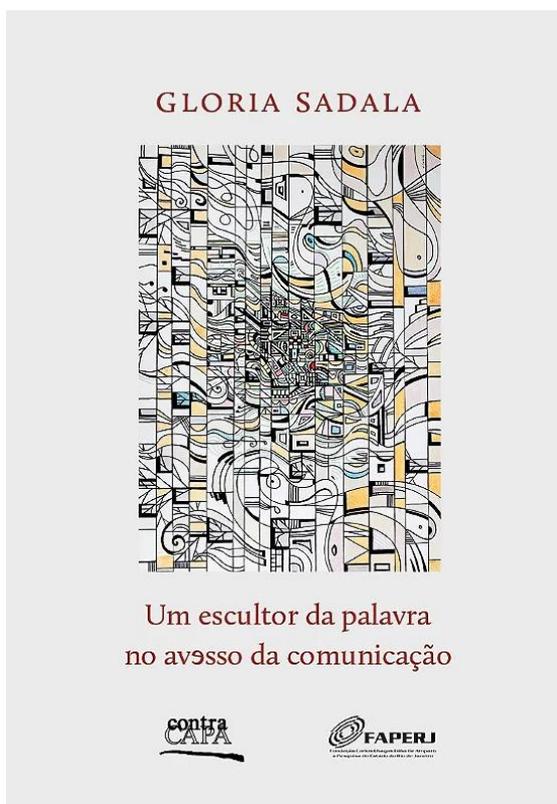
Antonio Quinet\*

Resenha do livro *Um escultor da palavra no avesso da comunicação*, de Gloria Sadala. Editora Contra Capa; Faperj, 2023. 144 p.

Passaram-se 15 dias da vitória nas eleições mais importantes da história do Brasil; vitória do movimento progressista e da coalisão democrática com o retorno das pautas humanitárias. Vivemos nestes últimos quatro anos – e ainda mais confinados em casa, devido à pandemia da Covid-19, com a comunicação reduzida à modalidade on-line – o bombardeamento de *fake news*, o aviltamento da linguagem, o rebaixamento dos meios de comunicação a memes, injúrias, falas escatológicas e pornográficas, a tendência a tudo virar propaganda, a disseminação de slogans e palavras de ordem, e a incitação ao ódio e a agressões, e assim fomos vendo a palavra, característica principal dos seres falantes, ser degradada e perder, cada vez mais, o seu peso de verdade.

Tivemos um grande alívio com a nova eleição, contudo sabendo que esses métodos vão continuar a ser utilizados pela extrema-direita, inspirada na propaganda nazista, a qual, com o uso pérfido da palavra, acabou levando ao assassinato de milhões de pessoas. Daí o alívio de termos retirado do posto de comando máximo do país aquele que maltratava a palavra e a deturpava para mentir e alienar grande parte da população brasileira. E de ouvir, na fala de vitória do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, “ninguém duvide da força da palavra, quando se trata de buscar o entendimento e o bem comum”.

Neste contexto conjuntural, saúdo a chegada de *Um escultor da palavra no avesso da comunicação*, de Gloria Sadala, que traz, com todo o vigor de seu texto, a força da palavra desvelada pela psicanálise – força de verdade, de transformação, de despertar e de ato. Logo no primeiro capítulo, Gloria aborda a dimensão da verdade da palavra com sua propriedade de ocultar e revelar a verdade, como apontado por Heidegger, e se vale



\* Psicanalista. Docente do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA).

disso para estabelecer o tão importante eixo do livro, a ser retomado nos dias de hoje: a relação da palavra com a verdade do sujeito.

Assim, neste posfácio, para os leitores que fizeram a travessia do livro, gostaria de salientar alguns pontos que me chamaram atenção.

Tendo realizado sua pesquisa no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (eco/ufRJ), Gloria propõe a teoria psicanalítica como o avesso da comunicação. Com efeito, a psicanálise mostra que a linguagem é, essencialmente, da ordem não da comunicação, e sim do mal-entendido. Retomo Lacan na lição de 10 de junho de 1980, de seu seminário “Dissolução”:

Sejamos aqui radicais: vosso corpo é o fruto de uma descendência de vossa desdita, resulta disso que ela nadava no mal-entendido.

Nadava pela simples razão de que o ser falante se obstina nisso.

É isso que ela vos transmitiu, dando-vos a vida, como se costuma dizer.

Herdais isso. (Lacan, 1981, p. 12)

Desde que o verbo se fez carne, nadamos no mal-entendido. É o mal-entendido da comunicação que nos foi transmitido e que transmitimos. Eis nossa herança. Como diz Gloria, a “comunicação se interessa pela linguagem como meio de transmissão de mensagens” e a psicanálise, pelo que se desenvolve no registro do erro, do lapsos, do tropeço. Enquanto a comunicação se ocupa da transmissão de mensagens, a psicanálise se interessa pela transmissão do mal-entendido.

Um segundo ponto é este livro abordar a importância da palavra em três dimensões: estrutural, clínica e social. E vemos como Gloria salienta que a palavra, apesar de sua face enganadora, não abandona o âmbito da verdade – a verdade que Gloria aponta como aquela sustentada pelo desejo de cada um, tal como a psicanálise desvela. E onde ela o encontra? Nos “álbis da verdade” que são as formações do inconsciente. Em suas palavras: “Álbi da verdade, eis a função do ato falho, assim como do sonho, da tirada espirituosa e do sintoma. Ao driblar os entraves com que se depara, o ato falho permite que a verdade apareça em outro lugar. Ponta de um *iceberg*, ele indica a direção da verdade do sujeito, a qual, se considerada, permite vislumbrar a trilha de seu desejo”. Eis o que a guia nas três dimensões apontadas.

Em seguida, passando de forma ao mesmo tempo aprofundada e sintética pelos conceitos fundamentais da psicanálise em sua articulação com a palavra, todo seu desenvolvimento converge e a instrumentaliza para propor um diálogo com as teorias da comunicação e, sobretudo, fazer uma análise da sociedade atual no último capítulo.

Para criticar a comunicação a serviço das novas tecnologias vinculadas à Internet, Gloria traz o conceito de tautismo, de Lucien Sfez: a tautologia da degradação da linguagem utilizada nas redes sociais, como a repetição do mesmo, associada ao “autismo” da falta de consideração com o outro e também ao imperativo do “tudo”: tudo dizer, tudo mostrar, tudo saber. Em outras palavras, mostra como esse fenômeno é fruto de uma sociedade dominada pelo consumismo a serviço do discurso capitalista, em que o próprio sujeito acaba se tornando um objeto a ser consumido, ou seja, uma mercadoria a mais.

Mas, antes de tudo, o sujeito é reduzido a um consumidor numa sociedade cuja comunicação transmite, no fundo, apenas uma mensagem: “Consuma!” Gloria demonstra como o consumo é um sintoma do mal-estar na civilização atual, promovendo inclusive

formas de sintomas individuais nos sujeitos transformados em navegadores compulsivos da Internet, compradores sem limites, trabalhadores estressados etc.

Assim, ela aponta que a palavra, em sua função de comunicação, principalmente nos dias de hoje, está vinculada ao discurso comum e atrelada ao consumo, sendo até mesmo parceira nos sintomas contemporâneos, mas seu verdadeiro alcance é desvelado no tratamento psicanalítico, pois, como diz, em contrapartida, a psicanálise oferece ao sujeito o dispositivo analítico, que, nos trilhos do discurso, pode recolocar seu desejo em causa, libertando-o das “ilusões do consumo e minimizando os efeitos de massificação produzidos pelos aparatos tecnológicos de nosso tempo”.

O percurso deste livro culmina com a questão ética que implica a sustentação da lógica do não todo da psicanálise como uma barreira ao totalitarismo da comunicação e seus imperativos totalizadores de gozo do consumo. Ética que se coloca decididamente na afirmação da castração e da falta constitutiva de todo ser falante. Ética do bem-dizer como forma de dar a palavra aos sintomas e ao sofrimento de cada um em sua singularidade. E, por fim, ética do desejo, com seu fio condutor, que indica a direção do tratamento a ser dado ao mal-estar do sujeito e da civilização. Que a palavra que este livro faz circular seja muito bem-vinda!

Armação dos Búzios, 15 de novembro de 2022.

#### **Referências:**

Lacan, Jacques. “Le malentendu” [Séminaire Dissolution], *Ornicar?*, n. 22/23, Paris, 1981.

**Citação/Citation:** Quinet, A. (2025). *A força da palavra e a ética do desejo. Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 126-128.

**Recebido em: 01/11/2024**  
**Aprovado em: 20/12/2024**